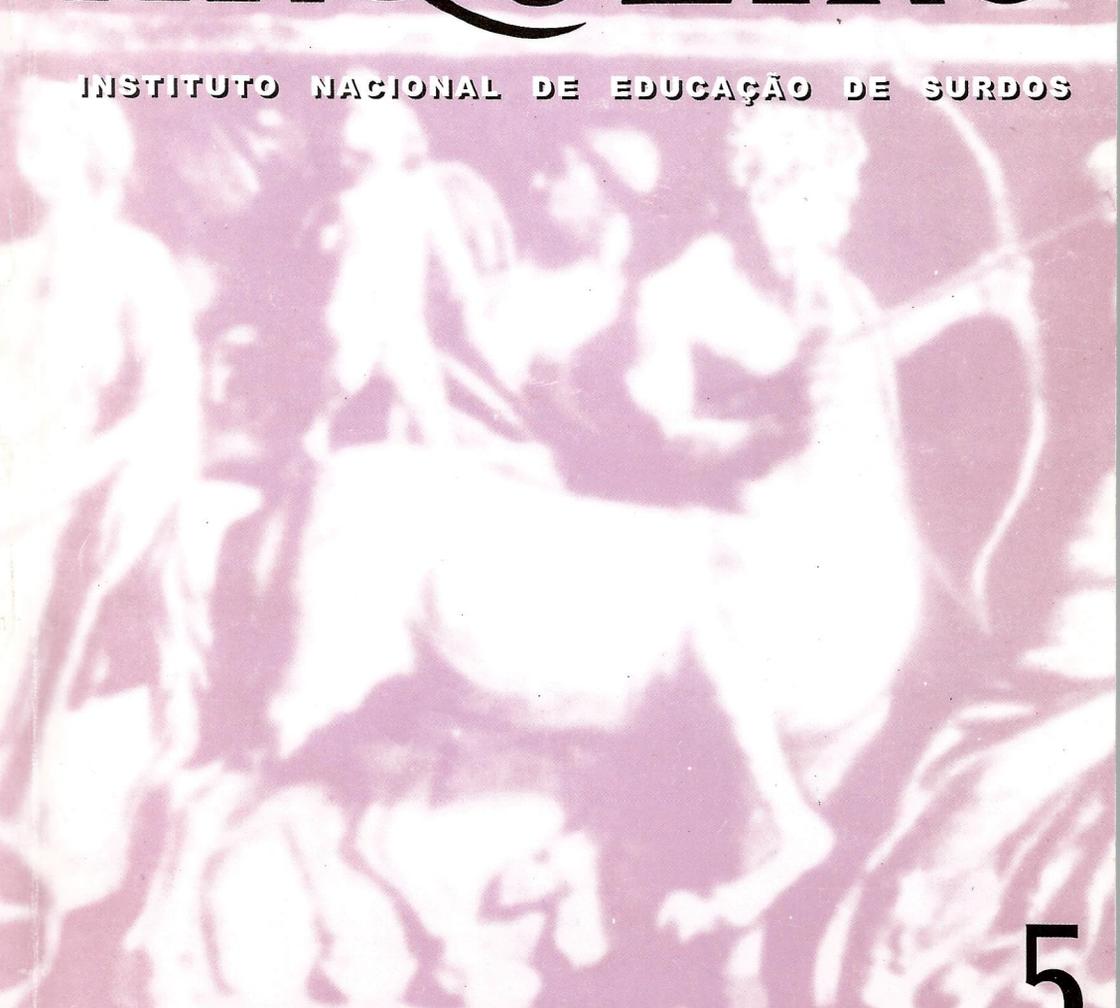


ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS





ARQUEIR ©

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

5

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Comissão de Publicação

Rua das Laranjeiras, 232 – 3º andar

CEP 22240-001 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2285-7393 / 2285-5107

e-mail: ddhct1@ines.org.br

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Paulo Renato Souza

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
Marilene Ribeiro dos Santos

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Stny Basílio Fernandes dos Santos

**DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO,
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**
Leila Couto Mattos

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Mônica A. de Carvalho Campello

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Marisa Marins Viola

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES
Rio de Janeiro – Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA
Imprinta

TIRAGEM
4.000 exemplares

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Professor André Luiz da Costa e Silva / Psicóloga Carla Verônica Machado Marques
Prof^ª Leila Couto Mattos / Prof^ª Maria Marta Ciccone / Fonoaudióloga Marisa Marins Viola
Fonoaudióloga Mônica A. de C. Campello / Professora Simone Ferreira Conforto

Arqueiro
Vol. 5, (jan / jun) Rio de Janeiro
INES, 2002

Semestral
ISSN 1518-2495
I – Arqueiro – Instituto Nacional de Educação de Surdos

ÍNDICE

EDITORIAL	05
A SOMBRA DE LÊNIN OU A ARTE UTÓPICA RUSSA	07
Simone Ferreira Conforto	
A AGRESSIVIDADE EM FILHOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA	11
Roberta Ribeiro Pinto	
Tânia Gracy Martins do Valle	
Maria Estela Guadagnucci Palamin	
Telma Flores Genaro Motti	
CEAD/2000 APLICA PROJETO	15
Nely Matter	
O INVESTIMENTO NA LÍNGUA DOS SURDOS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL	21
Ricardo Vianna Martins	
Gladis Perlin	
Wilson Miranda	
UMA PROPOSTA DE ACOMPANHAMENTO FONOAUDIOLÓGICO AOS USUÁRIOS DE APARELHO DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL	29
Adriana Sampaio de Almeida Meyer	
Amarilis Barreto dos Santos Andrade	
Rosana Ribeiro Manoel	
Telma Flores Genaro Motti	
Wanderléia Quinhoneiro Blasca	
PESQUISA	
Identificação das interfaces gráficas mais utilizadas por sujeitos surdos em seu processo de aprendizagem e resolução de tarefas, frente a hipermídias.	33
Carlos Henrique Freitas Chaves	
Stella Regina Savelli	

EDITORIAL

O Arqueiro, neste nº 5, traz estudos e práticas pedagógicas onde o aluno como sujeito é o autor de sua própria história. Participa, interage e constrói conhecimento.

A outros profissionais coube o estudo de temas fundamentais ao desenvolvimento de um processo educacional de qualidade.

A você leitor, o Arqueiro nº 5.

Leila Couto

A SOMBRA DE LÊNIM OU A ARTE UTÓPICA RUSSA

Simone Ferreira Conforto¹

"O mundo não é. O mundo está sendo como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono. Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que o ocorre, mas intervém como sujeito".

Paulo Freire (Pedagogia da Esperança)

A História discute a temporalidade das experiências. Estabelece um diálogo entre presente e passado, organiza memórias.

O conhecimento histórico é interpretativista. A partir de diferentes práticas e experimentos, o sujeito reconstrói experiências.

É preciso, como diz Walter Benjamim, através do presente, colocar os questionamentos do passado. Assim, o grupo social que vivencia uma experiência atribui um significado que não é o mesmo.

São diversas leituras e diversas formas de narrativas.

Sabemos que a construção do conhecimento não deve ficar restrita ao espaço escolar.

Deve ser ampliada em visitas guiadas, exposições e outras participações que ampliem a bagagem cultural dos alunos. É o contato com diferentes culturas, diferentes fontes e documentos que traz toda a riqueza e nos permite enxergar para além, do cotidiano das salas de aula: desencadear os processos históricos e suas condições de interferência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A partir de uma exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, composta principalmente de cartazes e obras de Mayakowsky e Rodchenko, a chamada vanguarda russa; os alunos, da 1ª série do Ensino Médio do INES, puderam sentir a utopia russa através da arte. O que emocionou a todos.

¹ Professora do INES, formada em Ciências Sociais - UFF e fonoaudióloga – Estácio de Sá. Pós-graduada em psicomotricidade.

As obras em exposição foram realizadas entre 1904 e 1942, num período muito fecundo em experimentação artística em todo mundo. Em 1917, quando a revolução russa aconteceu, a arte gráfica já era significativa.

Analisado os cartazes, podemos sentir as mudanças nas formas de arte concreta passando para uma arte mais abstrata. Os alunos, no início da exposição, observaram quadros que falavam da guerra de uma forma bem real. Batalhas e conflitos. Um quadro da 2ª guerra mundial retrata uma hiperealidade poética onde o soldado russo arranca o nariz do soldado japonês e o sangue jorra na tela. Da hiperealidade evolui para uma arte que se identifica com a Revolução. Com a evolução das idéias políticas e artísticas que caminham do real para o abstrato a medida que os intelectuais de vanguarda russa caminham para o construtivismo, uma forma de expressão mais abstrata.

Os alunos participaram de uma visita guiada, comentando e analisando as obras de artes.

Depois participaram de uma oficina no próprio CCBB de SOMBRAS.

As obras, que os alunos acabaram de ver, cheias de significação, foram ampliadas e projetadas numa tela, criando uma sombra: a sombra de Lênin, de soldados e fábricas.

Os alunos foram convidados a contracenar com as sombras, interagir com os personagens soldados russos foram interceptados. Os alunos imitaram suas armas, sua violência. Foram seus algozes ou se entregaram. Quanto a Lênin, sua sombra foi indagada, virou diversão: cosquinha e brincadeiras, tudo isto foi muito engraçado e interessante.

Contracenaram dançando e namorando as mulheres russas, correndo com as esportistas e morrendo de falta de ar diante das fábricas da revolução. Puderam conspirar com Lênin e os soldados. Puderam ser o povo russo e sua revolução. Sonhar seus sonhos e compartilhar de seus ideais. Isto porque a utopia russa em forma de cartazes nos emociona e faz sonhar. Pode nos lembrar da nossa própria necessidade de lutar, de resistir. Acreditar que o sonho não acabou e que a vida nos proporciona experiências sobre o possível e o que não é possível.

Depois da reflexão e do sonho, os alunos foram convidados a pensar sobre o real e o abstrato. As diferenças nos cartazes. Fomos convidados a, diante das sombras, criar contrastes; entre ricos e pobres, vivos e mortos. Eles criaram alto/baixo, rindo/chorando, gordo/magro e etc...

Toda essa experiência lúdica e esse acervo magnífico nos fizeram aprender muito sobre esse povo tão distante, tão multicultural e peculiar, que é o russo.

Essa experimentação mexeu com o imaginário dos alunos. Deu-lhes a possibilidade de interferir no processo histórico. De refletir sobre transição, mudanças, lados opostos.

De organizar todo um processo histórico revolucionário a partir da arte e dos sonhos. Isso os possibilitou criar novas atitudes, ser criativos.

Na escola assistimos ao filme “Encouraçado Pontekim” que é uma obra de arte. E discutimos muito sobre o processo histórico russo. Comparamos com o nosso. Aprenderam muito com a luta e a dedicação dos russos.

Produzimos cartazes sobre diversos assuntos atuais, trazendo novos elementos apreendidos com a arte gráfica russa.

A fotomontagem foi uma delas. Os alunos usaram fotos, jornais, revistas, textos, gravuras e compuseram cartazes para os mais variados fins.

Foi uma atividade criativa, que certamente contribuirá para formar cidadãos mais críticos, conscientes do processo histórico, e por isso mais ativos, participantes.

CONCLUSÃO

Diante da crescente preocupação dos professores com a reelaboração do currículo, as diversas estratégias e metodologias que valorizam os alunos como sujeito ativo nesse processo de aprendizagem são utilizadas.

Novas abordagens analisam as políticas públicas, lutas sociais, partidos, instituições além dos trabalhos que buscam compreender a vida cotidiana dos trabalhadores, mulheres, crianças, sendo utilizados principalmente documentos com diversas linguagens próprias: imagens, textos, relatos, objetos, iconografia.

A ampliação dos estudos e metodologias faz com que se reflita mais sobre os fatores que interferem na construção deste conhecimento histórico. Os estudos de cultura e representações nos revelam que é preciso favorecer a aprendizagem através de experiências entre o que é real, o que é representação.

Uma das escolhas possíveis é construir com o aluno noções de diferenças: semelhanças, transformações e permanências.

É importante distinguir também o eu e o outro nas práticas e valores coletivos de uma época. Analisar consensos e conflitos. E continuidades e discontinuidades.

O objetivo deste trabalho de construção é fundamentalmente interferir nas estruturas cognitivas, emocionais e corporais. Modificar as maneiras de compreender os elementos do mundo. Com o domínio destes conceitos e as discussões sobre estas práticas, possibilitar aos alunos estabelecer novas relações. Aumentar o conhecimento sobre si mesmo, seu grupo e seus direitos. Forjando novas formas de viver e novas práticas sociais.

A AGRESSIVIDADE EM FILHOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Roberta Ribeiro Pinto²

Tânia Gracy Martins do Valle³

Maria Estela Guadagnucci Palamin⁴

Telma Flores Genaro Motti⁵

A prática da pesquisa junto ao Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição Linguagem e Visão (CEDALVI), do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC), da Universidade de São Paulo (USP), conhecido como Centrinho em Bauru, SP, constitui uma questão estimulante pelas inúmeras reflexões que permite.

O Cedalvi tem como missão atender os portadores de deficiência auditiva, visual ou de linguagem, oferecendo condições de reabilitação e integração através de atendimentos especializados para diagnóstico, indicação e adaptação de aparelho de amplificação sonora individual (AASI), envolvendo diversos profissionais de saúde como psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas e pedagogos.

O presente estudo tem como objetivo investigar as queixas de muitos pais sobre a presença de comportamentos agressivos nos relacionamentos de seus filhos portadores de deficiência auditiva.

Na literatura disponível existe respaldo para tal afirmação. Para alguns estudiosos, considerando principalmente a fase da infância, a agressão é um comportamento aprendido por imitação, para outros um comportamento reativo isto é, a agressão é uma consequência da frustração e toda frustração origina uma forma de agressão. Esta afirmação é compatível com os relatos daqueles que interagem com a criança portadora de deficiência auditiva. Não podemos nos esquecer que a origem do comportamento agressivo é apenas uma parte da questão. O seu controle muitas vezes é necessário devido ao incomodo que causa nas interações sociais.

Isto fica evidente no cotidiano das atividades no Cedalvi, pelo alto índice de queixas dos pais, no que se refere a este comportamento inadequado de seus

² Psicóloga Especializada em Psicologia Clínica no HRAC-USP

³ Professora Doutora UNESP-Bauru

⁴ Psicóloga Cedalvi, HRAC-USP, mestranda em Distúrbios da Comunicação

⁵ Diretora Técnica de Serviço, Cedalvi, HRAC-USP, Doutoranda em Educação Especial UFScar

filhos, como também estudos realizados com este enfoque concluíram que o seu controle ocorre quando o ambiente oferece a oportunidade da emissão de um comportamento incompatível, ou seja, no lugar de um comportamento agressivo, que é indesejável deve-se ajudar a criança a interagir com um comportamento aceito socialmente, favorecendo desta maneira a sua integração com o seu contexto.

Outro desafio é saber as diferentes situações e pessoas envolvidas no ambiente da criança, que facilitam o aparecimento destas atitudes agressivas. Tais influências podem tornar-se mais complexas para serem analisadas quando a criança estudada é um portador de deficiência auditiva.

Isto acontece porque a comunicação entre os indivíduos através da linguagem verbal depende da audição constituindo algo importante para a criança, formando uma ligação com o mundo.

Tendo em vista as queixas por muitos pais sobre o comportamento agressivo de seus filhos objetivou-se iniciar um estudo exploratório a fim de verificar a presença da agressividade de maneira comparativa em filhos únicos e não únicos portadores de deficiência auditiva no contexto familiar, onde tais comportamentos são expressos. Para que isso acontecesse, foram selecionadas oito crianças com perda leve ou moderada, de ambos os sexos, com idade de 5 a 10 anos e pacientes do Cedalvi-USP, Bauru. Sendo quatro filhos únicos, comparados com outros quatro integrantes de famílias nucleares com pelo menos dois filhos.

Para avaliação diagnóstica da agressividade utilizou-se o Teste do Desenho em Cores da Família, acompanhado de um questionário elucidatório do contexto familiar e das figuras desenhadas. Essa técnica avaliativa foi escolhida pela facilidade da criança portadora de deficiência em expressar-se e pela eficácia de manifestação de aspectos psicológicos.

Sua aplicação foi feita individualmente onde inicialmente era solicitado para a criança realizar um desenho livre, para o estabelecimento do rapport. Ao terminá-lo a criança era convidada à realização de um segundo desenho seguindo a ordem: “faça o desenho de sua família com você junto”. Em seguida, a psicóloga buscava um melhor entendimento do desenho representativo da família, através das perguntas de um questionário de apoio para a compreensão do significado das figuras desenhadas e das interações existentes entre os membros do grupo familiar para a realização de ambos os desenhos. Foram fornecidos à criança: lápis, borracha, sulfite, uma caixa de lápis de cor composto de doze cores.

A avaliação dos dados coletados teve como fundamento a análise de estudos anteriormente feitos por diferentes autores que estudaram as técnicas gráficas e de acordo com os princípios básicos da Teoria Sistêmica. Esta teoria define a família como uma estrutura composta de vários subsistemas entre eles: o paternal, o filial e o fraternal. O seu funcionamento é visto como uma rede de interações do relacionamento familiar, nomeadas de dimensões, por exemplo: comunicação, papéis, liderança, integração e agressividade. Esta última é alvo de estudo desta pesquisa.

Após a interpretação dos dados coletados com as oito crianças, comparou-se aqueles resultados referentes aos filhos únicos com os dos filhos não únicos, observando-se maior frequência da agressividade nas crianças portadoras de deficiência auditiva que tinham pelo menos um irmão. A partir destes dados pode-se afirmar que a agressão é resultante de um processo de aprendizagem, ou seja, de um comportamento imitativo. Também podemos dizer que faz parte de um processo de adaptação em decorrência da limitação de comunicação da criança.

Após várias tentativas de interação social frustrada, ela recorre a este tipo de comportamento para ser notada pelos demais.

Estes resultados têm grande importância como incentivo para realizações de outras pesquisas mais amplas onde a probabilidade destas afirmações enquanto dados sejam investigações científicas mais válidas e confiáveis e, conseqüentemente, forneçam instrumentalizações para os profissionais auxiliarem os pais, orientando-os na forma de lidar com seus filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES FILHO, C. Jr.; N. P. FIGUEIREDO; M.S.(abr.1984) **Surdez – Deficiência Auditiva**. Ars.Abrandi,22-29.

STELLING, E. P. (1999). **A Relação da Pessoa Surda com a Família**. Espaço,11,44-47.

OTTA, E. B., V.S.R. **Vai Encarar? Lidando com Agressividade**. São Paulo: Editora Moderna,1998.

MINUCHIN, S. **Família: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

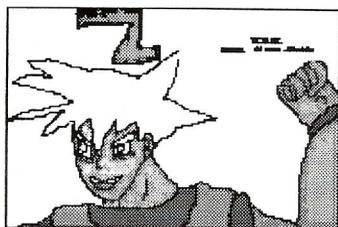
CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-R**. 4ª edição Ed. Ver-Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico V**. Porto Alegre, Artes Médicas do Sul,2000.

MAGGI. A. **Teste do Desenho em Cores da Família**. São Paulo, 1970.64p.(Dissertação em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1970.

CEAD/2000 APLICA PROJETO

Nely Matter⁶



A execução deste Projeto “*O Surdo e o Computador*” vem concretizar a proposta elaborada no Curso CEAD/2000 - INES/RJ, envolvendo as pessoas surdas com as tecnologias, para assim facilitar o processo de aprendizagem em relação à leitura e escrita. Portanto, auxiliando na comunicação do Surdo com a sociedade surda e também ouvinte.

Atualmente temos 42 alunos surdos matriculados, no sistema de Inclusão nas Escolas da Rede Pública de Ji-Paraná/RO, sendo que 32 participam do Projeto no NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional), duas horas semanais. Existem variáveis neste grupo, sendo que a faixa etária está entre 4 e 28 anos, e a escolaridade é mesclada, alguns da Educação Infantil e outros do Ensino Fundamental (até a 7ª série). Frente a esta realidade, os alunos foram divididos em quatro grupos, levando em conta a idade real e desenvolvimento na aprendizagem, facilitando assim o trabalho. A inclusão dos mesmos acontece em 24 escolas.

A proposta de trabalho vem contribuir na educação do surdo, utilizando-se principalmente dos recursos de tecnologias, o conhecimento de ferramentas, suas funções e aplicação, favorecendo os processos de construção de conhecimento, informação, comunicação e integração no meio social.

Diversos temas foram desenvolvidos junto aos Alunos Surdos, no período de Março-Dezembro/2001, pois, ciente da grande dificuldade que apresentam no aspecto acadêmico, onde a alfabetização continua sendo o maior obstáculo, dificultando assim a sua permanência na escola. A falta de comunicação gera conflitos e principalmente deixa à margem estes seres humanos. Também uma das grandes problemáticas, é a falta de profissionais habilitados, professores que tenham conhecimento razoável de LIBRAS, para assim mediar o processo de alfabetização da L2 (Língua Portuguesa). Com a extensa dispersão do grupo, estamos na luta de aproximar estes alunos, em algumas escolas somente, e providenciando Assistência Técnica, para Capacitação da Equipe dos Docentes.

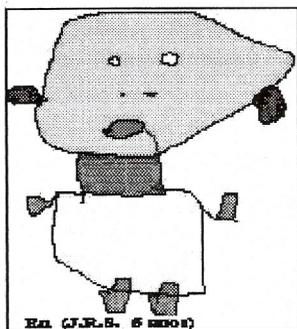
⁶ Professora Multiplicadora (Núcleo de Tecnologia Educacional) NTE – Ji-Paraná /RO



Conforme os trabalhos selecionados, infelizmente podemos constatar situações de alguns alunos surdos, que a sua percepção de mundo é muito restrita, tomando como base as atividades do próprio corpo, percebemos que se manifesta grande ausência da consciência corporal, o que compromete o conhecimento e aprendizagem do que lhes rodeia.

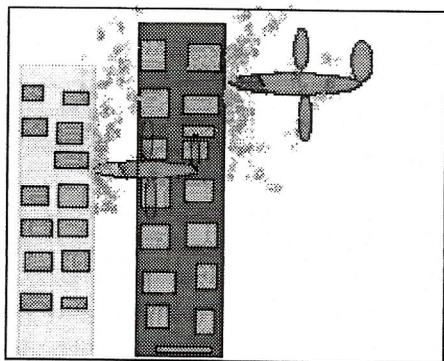


Além das atividades desenvolvidas com as ferramentas computacionais (nos Programas WordPad, Paint, Word e diferentes tipos de jogos), não dispensamos materiais de apoio, como caderno, onde ilustramos com figuras as palavras estudadas, montando um mini-dicionário. Também utilizamos materiais concretos, além de fichas, figuras, cartazes, bem como, papel pardo para o desenho do esquema corporal, no tamanho real de cada aluno.



Temos poucas situações como o exemplo do aluno de 5 anos, o qual já apresenta um trabalho de maior consciência corporal, pelos detalhes na atividade. (Presença do pescoço, braços, mãos, orelhas, boca em destaque, etc.)

Portanto, se justifica a grande dificuldade que apresentam na Língua Portuguesa, onde quase todos se encontram no início da alfabetização, sendo que a produção de textos é absolutamente inexistente. Os textos que exemplificam este relato são de alunos com resíduo auditivo. (Textos na íntegra, sem correções).



Guerra Estados Unidos (V. G. M. - 13 anos - 5ª série)

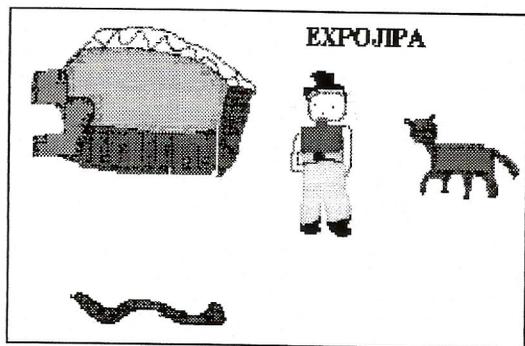
Um tema que gerou muito comentário com certeza foi o ataque aos Estados Unidos.

guerra do estados unidos

Terrível aconteceu guerra do E.U.A, que o USAMA LADIN, que matar do prédio foi avião, do PAQUITÃO.

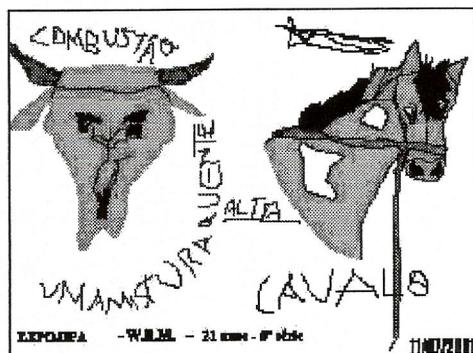
O homem de bomba então, foi bater do prédio . Bastantes gente do prédio morrendo sufogados é pelos pulando de janelas.É também caiu do prédio e cabaram está cheio de fumaça .AGORA caçar do paquitão são ruim demais porque eles matando todos. agora cabou final.....

A. R. - 14 anos - 7ª série



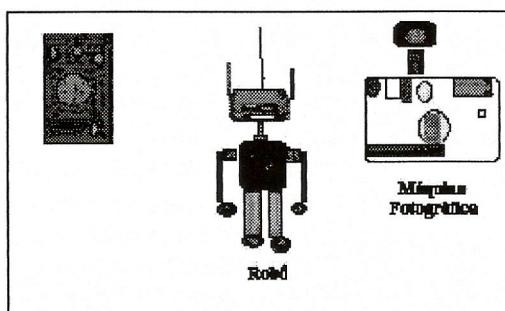
EXPOJIPA (A.R. - 14 anos 7ª série) 11/07/01

A Festa Municipal EXPOJIPA é realizada anualmente em Ji-Paraná, sendo que a população vive intensamente, inclusive com desfile de cavalos, carruagens típicas e vários dias de atividades e apresentações no Parque de Exposições, o que é muito significativo principalmente para as crianças. Portanto não poderíamos dispensar um conteúdo riquíssimo desta natureza.



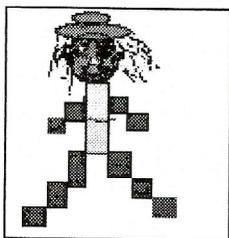
EXPOJIPA
 EXPOJIPA ACHEI LEGAL MAIS IMPORTANTES
 BOA FESTA QUE USADO PELO ROUPAS XADREZ,
 CALÇA, BOTA, CHAPÉUS, ETC...
 TAMBÉM O CANTORES VEIO EXPOJIPA FRANK AGUIAR,
 BANDA BEIJO, MARCELO AGUIAR. ETC...
 É O CAMINHÃO LEVAR UM BOI É CAVALO.
 TAMBÉM O MOÇA É RAPAZ, DANÇA É CANTAR,
 TOMAR CERVEJAS.
 A MOÇA É RAPAZ MUDAR CAVALO É ANDAR É CORRER.
 DEPOIS ANTES EMBORA DAVA BASTANTES GENTES
 FORAM EMBORA PRA CASA.
 FICOU OTIMO BÉM FEITO PARABÉNS...

A. R. - 14 anos - 7ª série 11/07/01

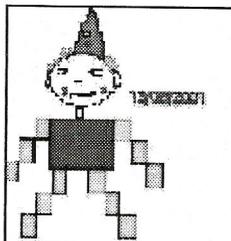


Cores e Formas (W.R.M. - 21 anos - 4ª série) 13/06/01

Podemos perceber que em alguns alunos surdos a criatividade está presente nas atividades, pois sua característica observadora e detalhista, resulta em trabalhos de diversas naturezas, como por exemplo, no Tema Cores e Formas, onde a criação livre foi bem diversificada.



Cores e Formas
(A.R. 14 anos - 7ª série)



Cores e Formas
(J.L.S. 13 anos - 3ª série)

Assim, é fundamental para o desenvolvimento do surdo que as mais diferentes oportunidades de trabalho sejam oferecidas, com presença constante do aspecto visual, retornando freqüentemente a conteúdos já vistos, tendo como propósito a fixação, a aprendizagem.

O INVESTIMENTO NA LÍNGUA DOS SURDOS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

Ricardo Vianna Martins⁷

Gladis Perlin⁸

Wilson Miranda⁹

RESUMO

Nesse artigo fazemos uma apresentação e histórico do Projeto *INVESTINDO NA PRIMEIRA LÍNGUA DOS SURDOS NO INTERIOR DO RS*, financiado pela FAPERGS¹⁰ e com o apoio da FADERS¹¹, cujo objetivo básico é a transmissão e o desenvolvimento da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) em seis escolas no interior do Rio Grande do Sul. Esse projeto, desenvolvido desde março de 2001, é uma pesquisa-intervenção, um dos moldes da pesquisa participativa, que propõe um método - levar a LIBRAS diretamente aos surdos através de instrutores ou professores surdos – oferecendo a esses sujeitos algo mais que a mímica, uma língua, ampliando suas possibilidades subjetivas, de representação e de circulação.

Palavras Chave: Surdez; LIBRAS; Educação; Subjetividade.

SURDEZ EM REDE

O projeto “*Investindo na primeira língua dos surdos*” foi concebido a partir de uma série de intervenções iniciadas na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul desde 1999, as quais nomeamos de “Surdez em Rede”, e que visavam incrementar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) junto às turmas de surdos em algumas cidades nessa Região, criando, ao mesmo tempo, um vínculo comunitário entre elas, uma rede.

Durante a implementação de “Surdez em Rede”, na Região Carbonífera do Estado, percebemos uma inconsistência nas propostas para educação dos surdos

⁷ Psicólogo, doutorando em Psicologia PUCRS. E-mail: martan@portoweb.com.br

⁸ Mestre em Educação, doutoranda em Educação/UFRGS. E-mail: gladisp@cpovo.net

⁹ Mestre em Educação, doutorando em Educação/UFRGS. E-mail: wmiranda@cpovo.net

¹⁰ FAPERGS - Fundação de Apoio a Pesquisa no Rio Grande do Sul.

¹¹ FADERS - Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e de Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.

na Região¹². De um lado os **alunos vinculados há anos nas instituições, sem matrícula, ou seja sem um reconhecimento legal; semi-alfabetizados, sendo que a maioria nem sequer sabia assinar o nome completo; acolhidos, muitas vezes, por instituição como as APAEs e, o que é mais grave, com uma Língua de Sinais muito pouco desenvolvida ou ausente.** De outro lado, os professores despreparados para sua tarefa, começando pelo pouco conhecimento em Língua de Sinais e do significado da importância que esta Língua tem na formação subjetiva, social, cultural e comunitária do sujeito surdo.

Despreparo reconhecido pelos próprios professores e encarregados dessa educação especial, que apontam para uma insatisfação com o desenvolvimento e com as perspectivas futuras do seu trabalho pedagógico. Ressentem-se da pouca formação e da falta de orientação. Sendo que para vários desses professores o último curso, e único, data da década de oitenta.

Nessas cidades, onde os surdos são pouco numerosos, não existe uma diferenciação, por parte mesmo dos surdos, que lhes permita rejeitar, aceitar, negociar, com mais clareza direitos relativos à educação e à cidadania, desde coisas tão simples como: dirigir; beber (“se eles vêem essa foto lá em Butiá!”), exclama uma professora ao ver os surdos, todos maiores de dezoito anos, tirando uma foto com copos de cerveja na mão); namorar (“alguém pode fazer mal a ela”, diz uma mãe que proíbe a filha de ir à escola); ter filhos (laqueadura, onde a filha não será consultada, é o projeto de uma mãe que não quer um neto “com o mesmo problema”); passear (“ela não pode andar sozinha”, sempre as mulheres as mais vigiadas); “No futuro vai ouvir”, essa fala é muito comum naqueles pais que postergam qualquer projeto de educação para os filhos, quer dizer, quando ouvir vai poder fazer o que quiser, porém enquanto isso, é totalmente, ou quase totalmente incapaz. Já ouvimos essa frase de pais cujas idades dos filhos variavam de cinco a vinte e quatro anos.

Os surdos, nessas cidades, desprovidos de uma língua e sem condições de interlocução encontram-se por demais alienados nas propostas dos outros, propostas sem fundamentos e estigmatizantes, para descobrirem possibilidades e estratégias claras de autonomia. O sentimento comunitário é quase inexistente, insuficientemente para que os surdos possam se apoiar para construir uma autonomia relativa, equivalente e não assimétrica, a do seu entorno social ouvinte, a exemplo do que ocorre nos centros maiores.

Essa carência não é apenas social, mas subjetiva. Qualquer sujeito, surdo ou ouvinte, entra na comunidade humana através da linguagem. Sua constituição depende das escolhas, inconscientes, de identificações que, conforme Freud (1969), são conhecidas “(...) pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. Assim, sem linguagem, sem algo que venha do

¹² Até onde temos informações, por outros pesquisadores, professores e de nossas visitas em outras regiões do Estado, a situação da educação de surdos não é diferente nas demais regiões: quando não é ausente é insuficiente.

outro, não existe sujeito. Sendo que a linguagem, na sua forma mais refinada, apresenta-se como língua.

ANTECEDENTES

“Surdez em Rede”, por sua vez, tem sua origem em nossas primeiras experiências, em outro projeto, na cidade de Charqueadas¹³, com o nome de “Surdez: Educação e Cidadania¹⁴”. Projeto submetido, aprovado e posto em execução pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Charqueadas em 1999, dotando o Município de uma educação bilíngüe para o ensino dos surdos e que pretendia também organizar a comunidade surda local.

O primeiro passo, em abril de 1999, foi a contratação de um professor surdo, que dividia as aulas com uma professora ouvinte, para ensinar Língua de Sinais aos alunos. Isso porque, mesmo sendo uma língua “natural”, a LIBRAS não se encontra imediatamente disponível aos mesmos. Pelo contrário, na maior parte dos casos, em torno de noventa e cinco por cento (Quadros, 1997), os surdos são oriundos de famílias de ouvintes. Famílias que, de acordo com Goldfeld (1997), por não saberem sinalizar, interagem muito pouco no cotidiano com a criança surda e, ainda assim, usando uma linguagem caseira sem os recursos de uma língua. Assim, os surdos, filhos de ouvintes, só encontrarão, se vierem encontrar, a Língua de Sinais junto a surdos adultos.

Então, esse tipo de interação, com o professor surdo fluente em LIBRAS, possibilita não só o desenvolvimento lingüístico dos alunos, mas também do professor ouvinte que, como referimos, muitas vezes recebeu apenas um pequeno curso com rudimentos de LIBRAS e cuja a tendência, por falta de contato com a comunidade surda, é a de regressão das suas habilidades lingüísticas. **Somente uma imersão constante na Língua de Sinais habilitará, de fato, o professor a compartilhar algum conhecimento com os alunos, caso contrário o que se observa é uma involução lingüística do professor ouvinte e o empobrecimento da relação aluno/professor.**

A presença de um professor surdo vem subverter, em grande medida, o estereótipo da surdez nessas comunidades. Ali os surdos geralmente são tratados como incapazes e dependentes, com uma perspectiva de empregabilidade, por exemplo, muito menor que os ouvintes, restando apenas aquelas tarefas que não requerem qualquer qualificação e/ou têm um caráter de filantropia. Onde a formação escolar é baixíssima, mesmo depois de anos de “estudo” esses alunos se encontram

¹³ Charqueadas - município da Região Carbonífera do RS, distante 56 km de Poa, com aproximadamente 28.000 habitantes. Os demais municípios citados distam entre 100 e 150 km de Porto Alegre.

¹⁴ Esses projetos foram concebidos e estão sendo executados por Wilson Miranda, Gladis Perlin e Ricardo Vianna Martins, membros do Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação para Surdos – NUPES, UFRGS/FACED.

fora de qualquer língua, seja de sinais seja a portuguesa, esse professor surdo só faz contrariar tudo que lhes foi proposto até então.

Não é por acaso que em muitos municípios as turmas de surdos estejam, hoje, freqüentando as APAEs. O problema não é dessas instituições em si, elas inclusive dão algum acolhimento deixado vago pelo Estado, porém o simples acolhimento não é política de Educação, é apenas uma forma de remediar a ausência, de longa data, de uma política educacional responsável, clara e eficiente nesse setor.

A partir do momento em que constatamos a mesma carência nas cidades vizinhas, passamos a levar nossas propostas para estas comunidades, agora com uma meta a mais: fazer com que estas pequenas comunidades de surdos criassem uma interação, entre si e com os centros maiores, que possibilitasse o incremento da LIBRAS e uma maior circulação dos surdos na Região, formando assim uma rede. A esta segunda fase, que se estendeu por Butiá, Triunfo e São Jerônimo, chamamos de “Surdez em Rede”.

“Investindo na primeira língua dos surdos” é um projeto que embora tenha sido concebido para um ano, limitação que consta no edital da agência financiadora (FAPERGS), não deve se limitar a esse período, mas tornar-se uma prática pedagógica constante. A aprendizagem de uma língua, da complexidade da LIBRAS, certamente exige um período bem maior que o previsto no projeto. Isso faz com que continuemos elaborando outros projetos que permitam a continuidade dessa metodologia.

Em outros projetos de educação bilíngüe na América Latina, conforme López (1997), que trabalham as diversas línguas indígenas e o espanhol, análogo, portanto, ao nosso projeto, a existência de um quadro consistente de profissionais habilitados para trabalhar nesse contexto, só é possível depois que os envolvidos no processo, alunos como professores, fizerem uma reflexão sociolinguística ampla da situação que compartilham. Isso seguramente não se dá no curto prazo. Projetos dessa envergadura devem ser concebidos para serem desenvolvidos a médio e longo prazo, já que o aprendizado, a disseminação da língua e a formação de mestres na comunidade alvo requerem muito tempo, recursos e principalmente continuidade.

O PROJETO

Resumidamente, o projeto “Investindo na primeira língua dos surdos”¹⁵ tem:

a) o objetivo principal a disseminação da LIBRAS nas cidades próximas a Porto Alegre, porém fora do eixo metropolitano¹⁶.

¹⁵ Participam do Projeto: Charqueadas, Butiá, Camaquã, Novo Hamburgo, Osório e Triunfo.

¹⁶ Exceção feita a Novo Hamburgo, por solicitação da Secretaria de Educação, visto que muitos alunos que freqüentam aquela escola vêm de outras cidades como: Sapiranga, Parobé, Taquara, Igrejinha, etc.

b) como justificativas: nessas comunidades o pequeno número de surdos tem dificuldades de, por si só, criar e desenvolver uma língua de sinais, daí a necessidade de uma intervenção externa; **por não terem uma língua têm pouca autonomia, assim não circulam e não têm contato com outras comunidades utentes dessa Língua; ainda, a falta de uma língua não tem apenas implicações objetivas (de circulação, cognitivas, de acessibilidade) mas subjetivas – como o sujeito pode representar-se sem uma língua**, com pode significar-se sem o significante.

c) como metodologia: a contratação de um instrutor ou professor surdo que, trabalhando com o professor ouvinte que já acompanha a turma, fará a transmissão da LIBRAS. **A nossa estratégia é a de que se ensinarmos diretamente aos surdos, sem excluir professores e comunidade, mas focarmos no surdo, naquele que vai, de forma mais permanente, mais intensa e mais rápida se apropriar da LIBRAS, teremos, por tudo isso, uma efetividade muito maior e de longo prazo sobre o aprendizado.**

A presença do professor, ou instrutor, tem ainda uma influência exemplar, qual seja a de apontar que existem outras posições além da de deficiente/dependente. Um horizonte possível bem diferenciado daquele que normalmente se oferece.

d) Como instrumento de avaliação lingüística utilizamos o “Instrumento de Avaliação de proficiência da LSB” (IAPLSB), de Quadros (2000), com o propósito de acompanhar o desenvolvimento lingüístico em que se encontram essas turmas de surdos no início do Projeto, bem como a sua evolução, no período de um ano, a partir do contato direto (dois dias por semana) com a LIBRAS através do instrutor surdo.

O desenvolvimento lingüístico se dá desde os primeiros contatos do surdo instrutor com os surdos locais. Sobre o aspecto da aquisição da língua, Crain & Martin (1999) afirmam que não há uma diferença significativa nesse processo entre as línguas orais e as de sinais. Dentro das hipóteses da Gramática Universal e os estudos levantados por esses autores, a forma e o tempo de aquisição são os mesmos para as mais diversas línguas em qualquer lugar do globo.

Nosso interesse em fazer uma avaliação lingüística é o de trazer um dado objetivo, sempre mais econômico e pontual, para que não nos baseemos apenas em nossas impressões sobre o estado da Língua de sinais nesses municípios em diversos momentos. Sabemos também, por outro lado, que na área da educação dos surdos no Brasil, principalmente no que se refere ao interior do país, existe uma carência de registros objetivos, sintoma das incertezas e da fragilidade das políticas educacionais.

Esses dados podem, em contrapartida, contribuir na futura tomada de decisões nas políticas de Educação, já que estamos recebendo o apoio da Secretaria de Educação do Estado, dos Municípios envolvidos e da FADERS. A Secretaria de Educação do Estado já tem, por exemplo, indicado que as Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) façam um acompanhamento nas escolas estaduais onde se dá a pesquisa. Isso também contribuiu, em certa medida, com justificativas

para essas escolas incluíam nos seus regimentos das turmas de surdos a importância da LIBRAS e a necessidade da contratação de um professor ou instrutor surdo. Propostas que surgiram das próprias escolas, pois esse não foi um trabalho isolado, escola por escola, mas com vários encontros reunindo todos os participantes.

RESULTADOS PRELIMINARES

O relatório final desse projeto deve ser encaminhado até julho/2002 para FAPERGS. Estamos nesse momento fazendo ainda as últimas avaliações lingüísticas e entrevistas.

Porém, de forma preliminar, podemos adiantar que nos aspectos objetivos da análise da produção sintática do IAP da LSB* - que avalia: a) o estabelecimento de referentes no espaço; b) o uso da concordância verbal; c) o uso de classificadores e d) o uso de marcadores não-manuais – ou seja, a fluência da LIBRAS, numa graduação que vai de zero a quatro, pontuando “um” na presença e “zero” na ausência de cada uma desses quatro elementos. Encontramos, nas cinco cidades que começaram esse ano o projeto, médias por cidade muito baixas. Variavam de zero (0,00) a zero vírgula vinte e sete (0,27) onde o máximo seria um (1,0).

Charqueadas, por outro lado, que tem desde o início de 1999 um professor surdo, alcançou uma média de zero vírgula oitenta e seis (0,86) na produção textual.

TABELA - MÉDIA E DESVIO PADRÃO DO IAPLSB**

Cidade	Nº participantes	Média	Desvio padrão
1 Charqueadas	4	0,86	0,14
2 B	12	0,27	0,25
3 C	6	0,25	0,16
4 D	6	0,00	0,00
5 E	6	0,29	0,29
6 F	14	0,14	0,16

Dados colhidos entre abril e maio de 2001.

**Participaram apenas alunos com mais de doze anos de idade

Especificamente em Charqueada, onde tivemos a oportunidade de fazer um acompanhamento mais longo, registrado através de filmagens das entrevistas e das atividades que promovemos, observamos a metamorfose por que passaram esses surdos. Desde a postura corporal e facial até as formas de expressão lingüística: da apatia à participação, do mutismo à conversação, do isolamento à interação. Mudanças, ao nosso ver, possibilitadas graças às opções de identificação, simbólica e imaginária, que esses surdos passaram a ter desde a presença de um surdo adulto que, ao se apresentar e apresentar a língua de sinais, ofereceu além da língua um mundo de possibilidades representacionais até então

* IAPLSB - Instituto de Avaliação de Proficiência da LSB

fora de cogitação. Uma situação de interação social com fortes efeitos intersubjetivos.

Para concluir, vale lembrar Bakhtin, para quem “(...) a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo *neutro*. Cada um dos demais sistemas de signos é específico de algum campo particular da criação ideológica” (1997:36-7). Como a palavra, por sua plasticidade e neutralidade, o sinal – dentro de um sistema que é a língua de sinais, vai cumprir o papel de abandonar a pura mímica e permitir uma representatividade mais ampla ao sujeito, lembrando que é o significante que representa o sujeito para outro significante. Sem significante não há representação nem, conseqüentemente, significação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CRAIN, S.; LILLO-MARTIN, D. An Introduction to Linguistic Theory and Language Aquisition. Massachusetts: Blakwell Publishers, 1999.
- FREUD, S. Obras Completas, Edição Eletrônica – CD. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GOLDFELD, M. A Criança Surda. São Paulo: Plexus, 1997.
- LÓPEZ, L. E. La Diversidad Etnica, Cultural y Lingüística Latinoamericana y los Recursos Humanos que la Educación Requiere. In Revista Iberoamericana de Educación, nº13, abril. 1997.
- QUADROS, R. Educação de Surdos – A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. Instrumento de Avaliação de Proficiência da LSB. Relatório Final Técnico-científico. Bolsa Recém-doutor, UFRGS, Pós-Graduação em Educação, 2001.

UMA PROPOSTA DE ACOMPANHAMENTO FONOAUDIOLÓGICO AOS USUÁRIOS DE APARELHO DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL

Adriana Sampaio de Almeida Meyer¹⁷
Amarilis Barreto dos Santos Andrade¹⁸
Rosana Ribeiro Manoel¹⁹
Telma Flores Genaro Motti²⁰
Wanderlécia Quinhoneiro Blasca²¹

O Centro de Atendimento de Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão (Cedalvi), do Hospital de Reabilitação em Anomalias Craniofaciais (HRAC) da USP – Bauru/SP, é um serviço credenciado pelo Ministério da Saúde para realizar a adaptação do Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI).

Os indivíduos que procuram o Centro têm no AASI sua maior expectativa, por acreditarem na possibilidade da melhora significativa da audição e, principalmente, devido ao alto custo que torna esse dispositivo praticamente inacessível para a maioria dos deficientes auditivos.

No Cedalvi são submetidos a atendimentos de Otorrino e Fonoaudiologia, para confirmar o diagnóstico da perda auditiva, selecionar, indicar e adaptar o AASI, os quais têm o suporte interdisciplinar de Serviço Social, Psicologia, Nutrição, Enfermagem e de outras especialidades médicas como Neurologia, Pediatria e Clínica Geral.

A rotina específica dos casos que recebem o AASI está estabelecida em etapas:

- confirmação do diagnóstico,
- seleção, indicação e adaptação do AASI,
- acompanhamento pós adaptação e
- controles anuais.

A experiência clínica tem mostrado a necessidade de acompanhar o paciente que foi adaptado, a fim de solucionar dúvidas e melhorar a efetividade do uso do

¹⁷ Fonoaudióloga chefe do Cedalvi, Doutoranda em Distúrbios da Comunicação no HRAC-USP

¹⁸ Fonoaudióloga do Cedalvi, Mestranda em Distúrbios da Comunicação no HRAC-USP

¹⁹ Fonoaudióloga do Cedalvi, Mestre em Distúrbios da Comunicação pelo HRAC-USP

²⁰ Diretora Técnica de Serviço do Cedalvi, Doutoranda em Educação Especial na UFSCar

²¹ Fonoaudióloga do Cedalvi, Professora Assistente do Curso de Fonoaudiologia da USP-Bauru, Doutoranda em Distúrbios da Comunicação no HRAC-USP

AASI, pois a falta da orientação adequada pode levar os usuários a interromper o uso da amplificação, perdendo-se todo o trabalho realizado anteriormente.

O acompanhamento é por isso compreendido como um dos aspectos mais importantes para a (re)habilitação auditiva do usuário de AASI, o qual pode ser realizado em atendimentos grupais e individuais.

Algumas vantagens são oferecidas pelo atendimento grupal, como a convivência com outros usuários de AASI, a troca de experiências ao relatarem suas dificuldades ou conhecerem as dificuldades dos companheiros, tornando-se assim uma oportunidade de enriquecimento e motivação.

O atendimento individual é importante para que o fonoaudiólogo verifique o estado de conservação do AASI e do molde auricular, intervenha sobre questões pessoais do paciente, esclareça dúvidas específicas a cada caso e, finalmente, para o registro da evolução do mesmo.

Diante da importância do acompanhamento ao deficiente auditivo usuário de AASI, o objetivo deste artigo é descrever a rotina adotada no Cedalvi após a adaptação do aparelho, quanto às orientações fonoaudiológicas e aproveitamento do paciente.

Logo após o atendimento em que é feita a adaptação do AASI, ou seja, preparo do aparelho e do molde com as regulagens corretas e entrega dos mesmos ao paciente com as devidas orientações de uso, manuseio e manutenção, os indivíduos já são agendados para o retorno de acompanhamento daí a 30 dias. Este prazo, no entanto, pode variar e ser um pouco mais longo em decorrência da cidade de origem e condições do paciente e família comparecerem ao Centro.

Os retornos são previstos para atendimento em grupo seguido de atendimento individual. Os grupos vão sendo preenchidos no Setor de Agendamento, à medida que os pacientes vão sendo liberados, organizados de acordo com faixas etárias devido ao conteúdo das orientações:

- menores de 12 anos,
- de 12 a 50 anos e
- maiores de 50 anos.

Os grupos são compostos por cinco a dez pacientes, os quais deverão ter um acompanhante que pode ser um membro da família ou um amigo.

Por ocasião do acompanhamento, o *atendimento grupal* tem duração de uma hora e meia. Inicialmente a fonoaudióloga retoma as orientações sobre:

- o processo de adaptação ao AASI e aos moldes auriculares,
- os cuidados com o manuseio e a higienização dos mesmos,
- outros acessórios e sistemas auxiliares e
- estratégias de comunicação.

É então distribuído um questionário aos pacientes e/ou responsáveis sendo cada questão explicada ao grupo para garantir a compreensão e a resposta correta. As questões versam sobre:

- tempo de adaptação e situações de uso diário,
- presença e situações de desconforto,
- dúvidas e modo de higienização dos moldes,
- duração e manuseio das pilhas,
- manuseio do AASI para telefone,
- uso de LOF (leitura dos lábios),
- necessidade de repetição de palavras,
- identificação da escolaridade e de atendimento fonoaudiológico.

No caso de pacientes e/ou acompanhantes analfabetos, a profissional auxilia no preenchimento.

Concluído o trabalho do grupo os pacientes passam ao *atendimento individual*, o qual dura em média 20 minutos. Nessa oportunidade a fonoaudióloga busca e esclarece dúvidas, procede a revisão do AASI e a necessidade de alteração das regulagens, verifica as condições do molde auricular e faz uma nova impressão caso seja necessário substituí-lo. Finaliza preenchendo no prontuário do paciente os impressos com as informações sobre o atendimento e o andamento do caso.

O desenvolvimento desse programa até momento permitiu observar que as dúvidas mais frequentes na faixa etária de crianças e adolescentes referem-se a escola e aos atendimentos fonoaudiológicos (terapias). Com os adultos e idosos as estratégias de comunicação são enfatizadas e em todos os grupos verificamos a necessidade de retomar as orientações quanto aos cuidados com o AASI e higienização dos moldes auriculares.

PESQUISA

Identificação das interfaces gráficas mais utilizadas por sujeitos surdos em seu processo de aprendizagem e resolução de tarefas, frente a hipermídias.

Por

Carlos Henrique Freitas Chaves*
Stella Regina Savelli**

Colaboradores

Alex Curione de Barros – Monitor surdo
Almir da Silva Neves - Intérprete

Orientação

Prof. Dr. Ludmila Mourão

Dedicamos este projeto à memória do nosso querido amigo Ary da Conceição Nunes, designer. Sentimos a falta material de sua criatividade e seu profissionalismo, todavia, ele estará sempre presente no decorrer do nosso trabalho através de nossas inspirações e lembranças. Deus o abençoe.

INTRODUÇÃO

A crescente evolução de tecnologias que permitem o acesso à informação vem, ao longo do tempo, redirecionando posturas pedagógicas e adequando, através de diferentes softwares educativos, conteúdos das diferentes disciplinas, dentro de um contexto educacional. Tal fato, acreditamos, nos encaminha para análises mais críticas quanto a qualidade e produção destes softwares. Segundo Valente (1994), “A análise dos softwares mostrou também que o professor tem um

* Prof do INES. Mestre em Educação

** Prof^o do INES. Designer

papel fundamental no processo de aprendizagem. Em todos os tipos de software, sem o professor preparado para desafiar, desequilibrar o aprendiz, é muito difícil esperar que o software *per se* crie as situações para ele aprender.” (pág. 109)

Acreditamos assim que a possibilidade de criar e produzir tecnologias acessíveis à pessoa surda é um passo decisivo para promover a aquisição do conhecimento, bem como refletirá em novos critérios metodológicos neste setor educacional. Desta forma, essa pesquisa tem como objetivo principal a identificação das interfaces gráficas, que influenciam diretamente no processo ensino aprendizagem da pessoa surda.

A hipermídia associa sons, gráficos, animação, vídeo, combinando tais elementos com hipertexto, o qual faz a vinculação das informações (Dicionário de Informática, 1994, pág. 303). Todavia, além destes elementos, este projeto amalgama principalmente conceitos como: informática, semiótica, lingüística, filosofia e psicologia da aprendizagem na criação e elaboração de hipermídias pedagógicas, levando em consideração, principalmente, que os diferentes softwares existentes no mercado não estão preparados técnico-pedagógicamente para a realidade lingüístico-educacional do sujeito surdo, tendo em vista a predominância “oral” nos domínios do conhecimento a ser adquirido ou abordado.

No sentido de investigar a relação imagem/texto, Chaves (1997) procurou analisar a influência de diferentes níveis de iconicidade presentes em cada tipo de imagem (fotografia e gravura), na produção de textos narrativos, bem como avaliar o uso destas imagens como instrumentos pedagógicos no apoio ao desenvolvimento e a produção de linguagem escrita por indivíduos surdos. O autor destaca que determinados tipos de imagens tendem a influenciar na forma lingüística de textos narrativos produzidos por sujeitos surdos.

Acreditamos que esta análise sugere um estudo mais criterioso quanto ao tipo de estímulo icônico/imagético que devemos utilizar na produção de hipermídias pedagógicas voltadas para a produção de textos. Consequentemente colaborando em outras áreas do conhecimento como: matemática, história, estudos sociais, geografia, artes, etc...

No que tange às esferas de imagens e informática Lévy (1994) acrescenta que “O controle independente das variáveis que definem a mensagem icônica é praticada através da síntese de imagens, exatamente como a síntese sonora e pelos mesmos motivos: A separação do suporte físico”. E prossegue, “A imagem digital também é o complemento indispensável da simulação, e sabemos o papel que esta última tem hoje na pesquisa científica” (grifo nosso, pág. 107).

Segundo Moreira, Costa e Oliveira (2001), os ambientes informatizados de aprendizagem estão diretamente relacionados com a produção e a avaliação dos diferentes softwares educativos. Assim sendo, nesse projeto temos a convicção de que através de interfaces, softwares e equipamentos adequados podemos dar um passo importante no que diz respeito à qualidade pedagógica do software educativo (Moreira, Costa e Oliveira, 2001). Não estamos preocupados em apenas

produzir hiper mídias pedagógicas, mas principalmente no seu potencial e qualidade educacional frente ao desafio lingüístico do sujeito surdo.

TIPO DE ESTUDO

Localizamos nossa pesquisa como de caráter experimental e investigativo. Desta forma, utilizamos, como instrumentos de análise para este trabalho, um CD e um site de jornal.

Elaboramos então, com ajuda de um monitor surdo, perguntas/tarefas para serem respondidas pelos alunos e apresentamos os instrumentos como ferramentas a serem utilizadas para resolução destas tarefas. Importante ressaltar que as perguntas crescem em nível de complexidade, iniciando com uma pergunta mais simples em seguida uma de grau médio e finalizando com uma pergunta de maior complexidade totalizando três tarefas por instrumento.

SELEÇÃO DE SUJEITOS

8 alunos do CAP INES de 1º e 2º graus com faixa etária variando entre 16 e 26 anos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

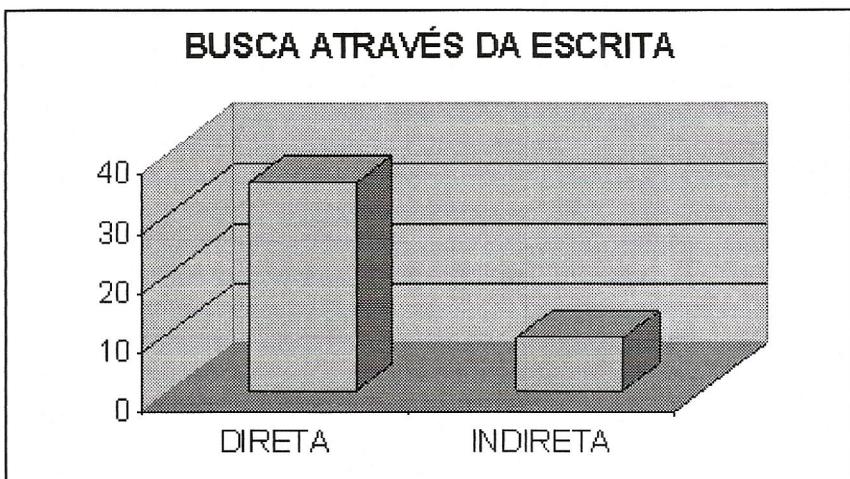
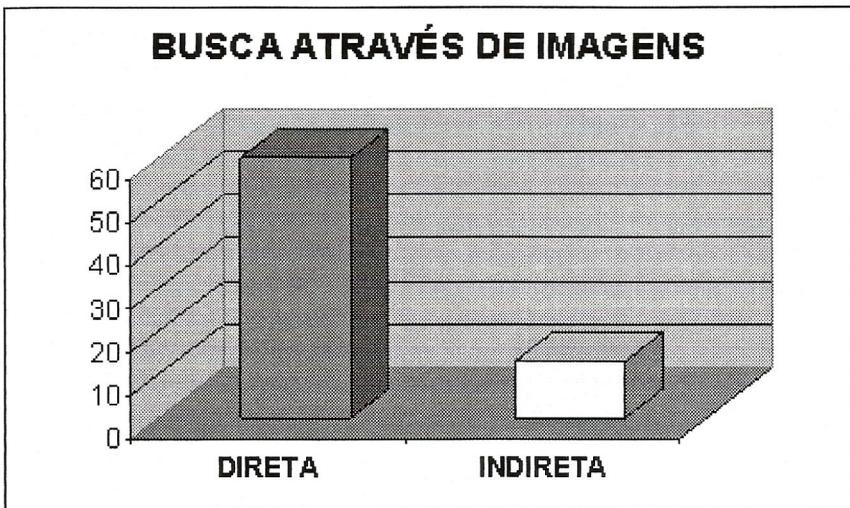
No sentido de proporcionar uma melhor análise dos dados, filtramos as buscas e tentativas feitas pelos sujeitos, através de imagens (fotos, gravuras, etc) e linguagem escrita e categorizamos estas buscas como **direta**, resultado de raciocínio lógico, baseado no conhecimento de dados (escrita e imagens). Como **indireta**, a procura da resposta acontece de forma não muito clara, ou seja, seguindo mais parâmetros de ensaio e erro do que uma busca precisa ou lógica.

Chegamos então aos seguintes resultados quantitativos:

- I) Buscas através das imagens: 73 tentativas (60 diretas e 13 indiretas)
- II) Buscas através da escrita: 44 tentativas (35 diretas e 9 indiretas)

A análise destes resultados aponta para uma certa *preferência cognitiva* do sujeito surdo pelas imagens em relação à escrita e também para atitudes cognitivas e comportamentos mnemônicos, ou seja, uma busca preferencial pelo cognoscível.

Pode-se dizer, a partir desses dados, que os fatores aprendizagem e cognição foram preponderantes nestas tarefas. Fato este, acreditamos, emoldura prioridades pedagógicas a serem observadas na produção de software educativo para pessoas surdas, onde a influência da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem deva ser tipificada nestes softwares.



Por fim, acrescentamos que, no mesmo nível de prioridades, mediante nossas observações, a questão da Língua de Sinais deva ser levada em consideração na elaboração de software educativo voltado para pessoas surdas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, C.H.F. **As Imagens e os Textos de Sujeitos Surdos: Uma Questão de Relevância**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado – UERJ, 1997.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

MICROSOFT PRESS. **Dicionário de Informática Inglês-Português e Português-
Inglês** / Microsoft Press; Tradutor Fernando B. Ximenes, Rio de Janeiro, Campos,
1993.

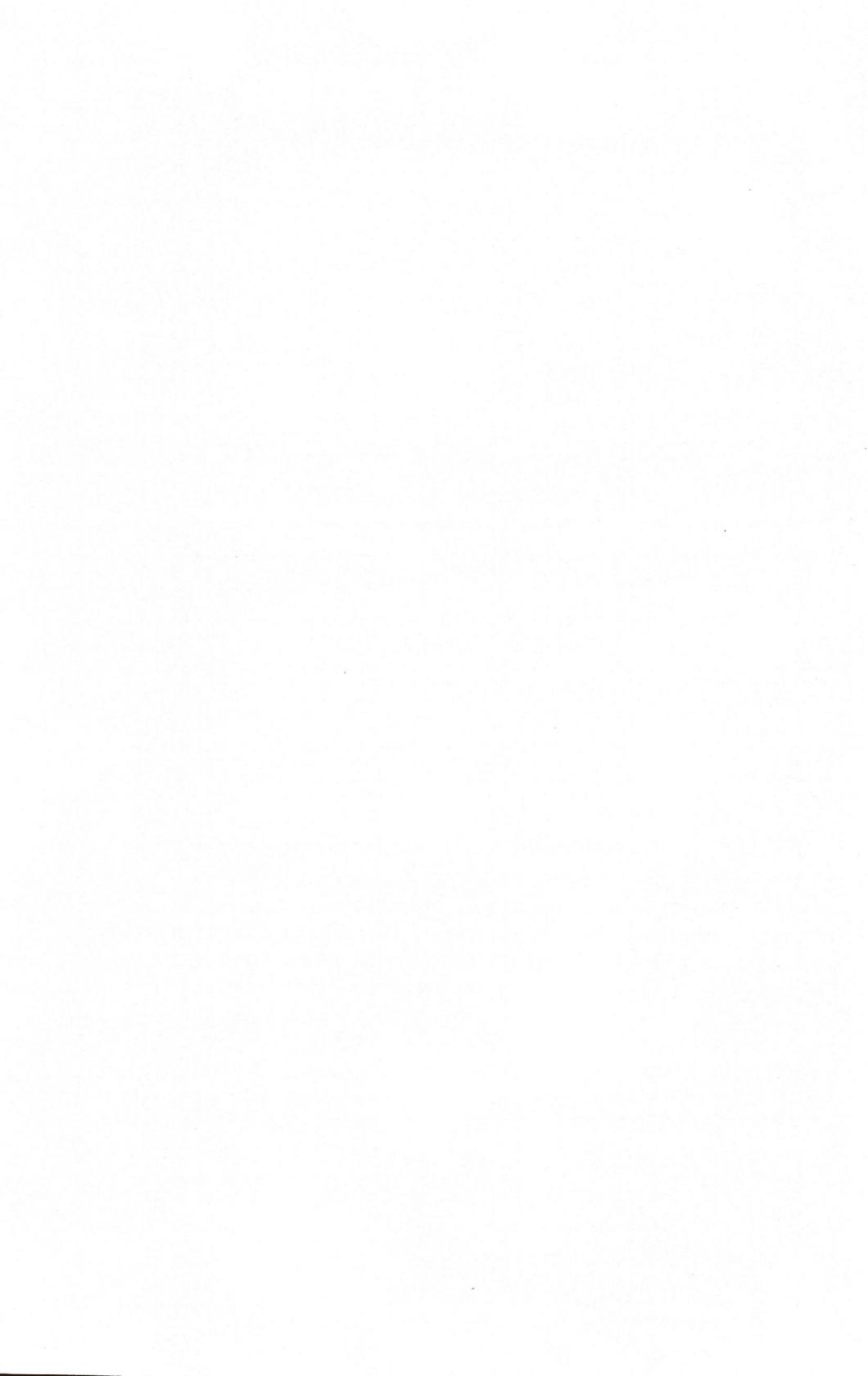
TELFORD, C.W., Sawrey. D.M. **O Indivíduo Excepcional**, RJ, Zahar, 1984.

SANTORO, F. **Jogos Educacionais e Hiperídia: Um Estudo de Caso dos Impactos
na Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado – UFRJ, 1996.

CAMPOS, F.C.A. **Hiperídia na Educação: Paradigmas e Avaliação de Qualidade**.
Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado – UFRJ, 1994.

OLIVEIRA, C.C.; COSTA J.W.; MOREIRA M. **Ambientes Informatizados de
Aprendizagem: Produção e Avaliação de Software Educativo** – Campinas, SP:
Papyrus, 2001.

VALENTE, J.A. (org). **O Computador na Sociedade do Conhecimento** – Campinas,
SP:UNICAMP/NIED, 1999.





Aula de linguagem das classes adiantadas
Década de 30 — INES

Capa. Imagem de referência: O cortejo de Dionísio
Baixo-relevo, Museu de Nápoles

**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil



**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**
BOA ESCOLA PARA TODOS